



Correio Internacional



PUBLICAÇÃO DA LIGA INTERNACIONAL DOS TRABALHADORES – QUARTA INTERNACIONAL (LIT-QI) – WWW.LITCI.ORG

BUSH PERDE NO IRAQUE...

No dia 7 de novembro ocorreram as eleições legislativas e regionais nos EUA. O Partido Republicano, do presidente George W. Bush, sofreu uma dura derrota. O resultado, que debilita ainda mais o governo de Bush, só pode ser visto como um reflexo do curso desfavorável da guerra no Iraque para os EUA. Esse tema foi o centro do debate eleitoral e a principal preocupação dos eleitores.

O Partido Republicano, depois de 12 anos, perdeu a maioria na Câmara de Representantes (Deputados) e também no Senado. Ao mesmo tempo, os candidatos do partido democrata ganharam o governo de mais quatro estados, entre eles Nova York. Trata-se, evidentemente, de uma dura derrota para o governo de Bush, que sai claramente debilitado da disputa.

O BOOMERANG DO IRAQUE

A derrota tem uma explicação muito clara: o curso desfavorável da guerra no Iraque e da política de Bush no Oriente Médio voltou como um boomerang e atingiu as eleições como uma maré de oposição popular.

Durante seu governo, Bush apostou na “guerra contra o terror” e na “nova estratégia” para o Oriente Médio. Mas, depois de alguns rápidos triunfos iniciais, sua política começou a fracassar cada vez mais no Iraque, Afeganistão e Líbano. Em vez de fortalecer o controle americano na região, o resultado foi seu enfraquecimento e o fortalecimento da resistência iraquiana, do Hezbollah, da Síria e do regime iraniano.

O pântano no Iraque começou a transformar-se em uma guerra que parece impossível de vencer. Por isso, ao setor minoritário da sociedade americana que esteve desde o início contra a guerra, se foi somando outro, cada vez maior, que se opõe a ela pelos riscos que implica.

A opinião pública dos EUA sente que piorou a segurança do país: pesquisas prévias às eleições indicaram que 60% dos americanos acham que a guerra do Iraque tornou mais provável um novo “ataque terrorista” contra seu território e mais de 50% está a favor da retirada das tropas do Iraque.

É certo que esta oposição contra a política de Bush não gerou, até ago-

ra, as massivas manifestações anti-guerra que ocorreram na época do Vietnã. Mas sim se expressou com muita força na eleição. O tema da guerra foi o eixo do debate eleitoral, ao contrário das tradicionais eleições legislativas, onde predominam os temas locais e específicos. O resultado foi um massivo “voto castigo” contra o governo de Bush.

Um exemplo do sentimento predominante, e da mudança que ocorreu em muitos eleitores, foi a vitória de Tammy Duckworth, uma ex-piloto de helicópteros militares que perdeu as duas pernas na guerra do Iraque: ela fez campanha contra a guerra em sua cadeira de rodas e foi eleita deputada no sexto distrito de Illinois (nos subúrbios de Chicago), um lugar onde, nos últimos 32 anos, os republicanos ganharam todas as eleições. Outro fato significativo: Keith Ellison também fez sua campanha pedindo a retirada das tropas, no quinto distrito de Minnesota, e é o primeiro muçulmano negro que se elegerá deputado nos EUA.

BUSH QUER CONTINUAR A GUERRA...

Depois das eleições, o governo de Bush sai claramente debilitado. O próprio presidente admitiu a “surra” e reconheceu que “muita gente votou para protestar contra a situação no Iraque”. Não é por acaso que a primeira consequência do resultado eleitoral foi a demissão-renúncia do secretário de Defesa, Donald Rumsfeld, uma das figuras mais identificadas com a guerra.

No entanto, apesar da opinião massiva do povo americano, Bush declarou que man-

terá as tropas no Iraque “até a vitória” e que em hipótese alguma “sairão derrotadas”, porque isso teria “consequências desastrosas”. Em outras palavras, fica claro que seu objetivo é continuar a guerra.

OS DEMOCRATAS ESTÃO DE ACORDO

Mas ele não pode levar adiante essa política sem um acordo com os democratas que agora dominam o Congresso. Além disso, apesar de que vários candidatos democratas ganharam as eleições com discursos contra a guerra, os principais líderes do partido, como a senadora Hillary Clinton, não só votaram a favor dela, em 2003, como vêm respaldando, no Congresso, as decisões mais importantes.

Depois das eleições, Nancy Pelosi, deputada democrata indicada como futura presidente do Congresso, declarou em uma entrevista à CNN: “Apesar de que haverá audiências para discutir a estratégia no Iraque, Bush continuará sendo o comandante em chefe das Forças Armadas nos próximos dois anos”. Em seguida, descartou totalmente a possibilidade de reduzir o orçamento das F.F.A.A. e disse que: “Jamais deixaremos nossas tropas sem aquilo que necessitam”.

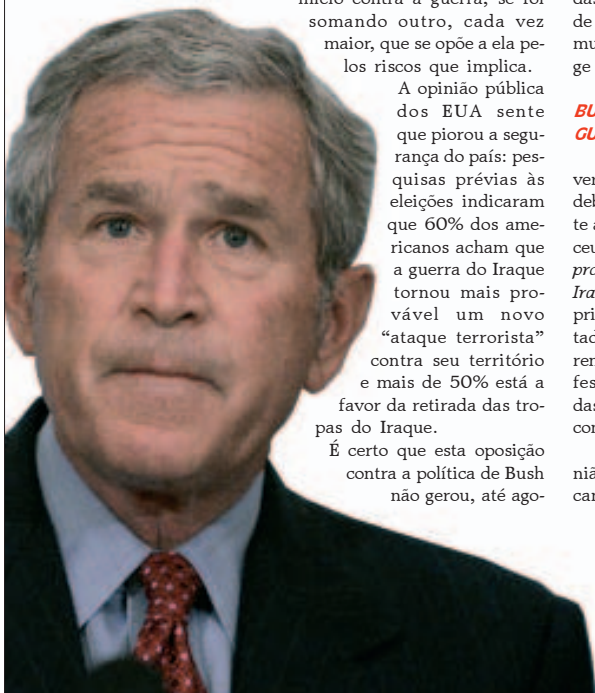
Enfim, tudo indica que a perspectiva mais provável é um acordo entre o governo republicano e os legisladores democratas para continuar a guerra e, com isso, definir de conjunto a política a seguir. Lembremos que outras leis importantes, como as referentes à imigração, também estão sendo acordadas de modo similar.

RAZÕES MUITO PROFUNDAS

As razões para que esse acordo seja possível são muito profundas. Tanto o republicano como o democrata são os dois partidos que, apesar de suas diferenças ideológicas, representam os interesses da burguesia imperialista dos EUA. Para essa burguesia, o controle do Oriente Médio tem uma importância geopolítica estratégica e, ao mesmo tempo, é a região que possui as maiores reservas de hidrocarbonetos do mundo, num momento em que estas começam a declinar. Por isso, para o imperialismo americano, sair totalmente derrotados do Iraque teria, como disse o próprio Bush, “consequências desastrosas”, não só na região como em todo o mundo. Por isso, ambos os partidos vão fazer o possível e o impossível para ganhar a guerra ou, pelo menos, conseguir um “empate”.

AS PERSPECTIVAS

Se nossa análise está correta, o futuro imediato será de contradição entre as aspirações da maioria do povo americano, de que as tropas saiam do Iraque, e a política a ser aplicada por seus líderes. As expectativas de que a massiva votação nos democratas mude o rumo das coisas serão frustradas, abrindo a possibilidade de que o povo americano compreenda que, para alcançar suas aspirações anti-guerra, será necessário mobilizar-se massivamente contra a política conjunta do governo e do Congresso. Temos certeza de que, cedo ou tarde, isso vai acontecer e a luta da resistência iraquiana e as grandes mobilizações nos Estados Unidos se combinem para provocar uma clara derrota ao imperialismo.



...E NOS EUA

O IMPERIALISMO EM BUSCA DE ALTERNATIVAS

Dizíamos no *Correio Internacional* de junho de 2006: “Desde o 11 de setembro de 2001, o governo de George Bush tentou retomar a ferro e fogo o controle absoluto sobre o Oriente Médio, acompanhado, com mais ou menos contradição, pelo imperialismo europeu. A primeira ação dessa política foi a invasão do Afeganistão (2001) e a segunda, a invasão do Iraque (2003). Em ambos os casos, conseguiu rápidas vitórias militares, derrotou os governos dos talibans e de Saddam Hussein e instalou regimes coloniais, assentados nas tropas invasoras. No entanto, uma análise do conjunto da situação atual mostra que, longe de conseguir esse objetivo de controlar a região, a posição do imperialismo está em retrocesso. Apesar de sua dura ofensiva militar genocida e do aumento nos gastos da guerra, ainda não consegue controlar a ‘primeira frente’ no Iraque, pressionado por uma resistência militar com apoio de massas, quando vê reabrir-se uma ‘segunda frente’ no Afeganistão, país que até pouco tempo parecia dominado.”

A RESISTÊNCIA SE FORTALECE

Os fatos posteriores confirmaram essa análise: a derrota israelense no Líbano e o rumo das guerras no Iraque e Afeganistão complicam cada vez mais a posição do imperialismo na região. Inclusive na Somália se sentem os ecos das dificuldades que ameaçam os interesses de Washington: os comitês islâmicos tomaram o controle da capital, Mogadíscio, sem que o imperialismo pudesse intervir com tropas para evitar.

No Iraque, depois de três anos de ocupação, a resistência armada se mantém, se fortalece e amplia suas ações, apesar de que, em maio último, o vice-presidente americano Richard Cheney declarou que ela “agonizava”. Ve-

jamos alguns dados recentes.

Em outubro ocorreram mais de 100 mortes de soldados norte-americanos, a maior cifra mensal no último ano. Segundo as cifras oficiais, seguramente subestimadas, já morreram no país mais de 2.800 soldados ocupantes. Uma das bases militares mais importantes, a Falcon, no sul de Bagdá, está praticamente destruída, depois de vários ataques da resistência com morteiros.

Um informe do chefe de inteligência dos marines dos EUA diz que os soldados americanos foram incapazes de acabar com o controle da resistência sobre a vasta província ocidental de Al-Anbar. Em Amarah, no sul do país, uma tentativa de impor a ordem entre as milícias do clérigo Muuqta Al Sadr terminou em um tiroteio com mais de vinte

mortos das forças armadas iraquianas, sem conseguir o objetivo.

NOVO GOVERNO NÃO CONTROLA O PAÍS

Nesse mesmo *Correio* dizíamos que “o novo governo de Al Maliki é de uma profunda debilidade porque expressa uma grande divisão entre as diferentes frações burguesas que o compõem.”

Poucos meses depois, no limite da desorientação, o primeiro-ministro iraquiano respondeu na imprensa, dizendo que ele não era “uma marionete de Washington” (sic) e que “não via motivos para aceitar uma retirada imediata” (das

tropas ocupantes). Bush falou com ele por telefone e “confirmou” que não era um “títere” mas que iria “coordenar” com ele uma forma de melhorar a situação. Depois, declarou à imprensa que havia dito a Al Maliki que poderia “ter agido melhor” para controlar a segurança no Iraque e desarmar as milícias.

AL SADR: UM PROBLEMA

Nessas declarações à imprensa, Al Maliki deixou claro que não estava a favor dos ataques à milícia de Al Sadr, chamada Exército Mehdi, que havia sido alvo dos marines e do exército iraquiano nos últimos dias, em Bagdá. A organização Al Sadr entrou no governo títere de Al Maliki, com vários funcionários. Entre eles, cargos de primeiro escalão na polícia iraquiana.

Mas, ao mesmo tempo, representa um problema sério para Washington porque, além de não aceitar as ordens de entregar as armas de sua milícia, festejou com uma mobilização pública a vitória do Hezbollah contra Israel no Líbano.

Al Sadr está muito ligado a setores da hierarquia religiosa iraquiana e sua força de militantes xiitas é agora mais poderosa que em 2004 já que, à sua tradicional influência nos bairros xiitas de Bagdá, está somando uma crescente influência em Basora e na região sul do país.

Enquanto Bush tem a política de forçá-lo a desarmar-se, Al Maliki hesita em entrar em choque com um dos poucos apoios que tem. Por outro lado, um confronto aberto com ele, empurrando-o para uma aliança com a resistência sunita, pode tornar impossível a continuidade da ocupação imperialista.

O certo é que se não fosse pela política ainda negociado-



CAGLE CARTOONS



tução, não passa de pura "propaganda enganosa" de Bush.

CRÍTICAS AOS COMANDOS MILITARES

Essa situação crítica se expressa hoje em um debate dentro dos próprios países imperialistas, envolvendo fortes questionamentos em relação aos comandos militares.

Nos EUA, poucos meses atrás, seis generais haviam sido condenados publicamente a política do secretário de Defesa, Donald Rumsfeld, por ameaçar a própria estrutura das FFAA. Há pouco, sub-oficiais e soldados do serviço ativo foram ao Congresso pedir mudanças na orientação do governo no Iraque. Como as manifestações públicas dos militares em atividade estão proi-

Iraque), porque a permanência das tropas britânicas exacerbam os problemas de segurança". Os soldados ingleses estão sentindo em "carne própria" a deterioração da situação, antes tranqüila, de Basora, no sul do Iraque, e o aumento dos ataques da resistência.

Em outras palavras, esses militares vêem o perigo de que o rumo da guerra provoque um racha nas forças armadas dos países imperialistas, o que seria, estrategicamente, muito grave.

CONTRADIÇÕES EVIDENTES

A preocupação não é só

do, John Warner, que pôs em dúvida a promessa de Bush de que esse país seria um "modelo de transformação democrática". A dura derrota republicana nas recentes eleições legislativas tornará essa tendência ainda mais forte.

A CARTA DE DIVISÃO DO IRAQUE

Mas seria um erro completo achar que o imperialismo americano vai aceitar tranqüilamente ser derrotado nessa guerra, o que teria, como disse Bush, "conseqüências desastrosas" para seus interes-

Grande parte dessa suposta "guerra civil" encobre o acionar dos "esquadrões da morte" da Brigada Badr, dirigida pelo partido xiita CSRI dentro do próprio ministério do Interior. Vejamos este relato:

"Circular pelas autopistas de Bagdá está ficando extremamente perigoso... As pessoas desaparecem, são seqüestradas ou assassinadas. Os esquadrões da morte e as máfias criminosas controlam as autopistas; só a resistência protege os indivíduos e as comunidades. O governo está nas mãos de assassinos [...]. As ruas estão cheias de pessoas com sotaque estrangeiro [...]. As tropas americanas começam o bombardeio e depois eles conti-

experts da CIA em esquadrões da morte fizeram um bom trabalho." (Sabah Ali, *Iraq Solidarity*, publicado em *Rebelión* 25/10/06).

Bush estimula esse tipo de enfrentamentos para avançar rumo a uma divisão do Iraque em três "regiões autônomas" (curdos ao norte, sunnitas e xiitas no centro e xiitas no sul) controladas por governos fiéis a Washington. Ao mesmo tempo, começou a fazer contatos com organizações da resistência sunnita, para ver se conseguem incorporá-las às negociações. Esse seria o plano de Bush: se não se pode controlar o país de conjunto, o divide para tentar controlar as regiões por separado.



É POSSÍVEL DERROTAR O IMPERIALISMO



Na LIT-QI, vemos que esse novo plano de Bush pode ser derrotado, como ocorreu com os outros. Para isso, é imprescindível a unidade da resistência, entre todos os setores e etnias do Iraque. Alguns passos já foram dados nesse sentido, como a criação do MPURI (Comando Político Unificado da Resistência Iraquiana), com organizações militares, laicas e religiosas, na maioria sunnitas, mas também algumas xiitas.

Tudo indica que esse processo deve ampliar-se porque se essa unidade se concretiza e se combina com a crescente oposição à guerra dentro dos EUA, os dias de ocupação imperialista estarão contados e também se poderá derrotar a política de divisão do país.

bidas, usaram um subterfúgio, seguramente acordado com os congressistas: declararam que iriam visitá-los, para "informar o que ocorre na frente". Além do mais, os jornais publicam graves denúncias de resservistas, como a de Kevin Tilmann, cujo irmão morreu no Iraque.

Na Grã-Bretanha, o Chefe do Estado Maior inglês, general Richard Dannatt, ao assumir o cargo, disse ao jornal *Daily Mail* que seu governo "deveria nos tirar rápido (do

dos militares mas também de inúmeros funcionários e políticos. Um alto diplomata americano declarou à cadeia de TV Al-Jazeera que seu país agiu "com arrogância e estupidez no Iraque". Nos dias seguintes, o próprio embaixador dos EUA no Iraque, Zalman Khalilzad, declarou solenemente, ao lado do general George Casey, principal chefe das tropas de ocupação, que em breve haveria "um cronograma de retirada". Como sempre acontecia nesses casos, Donald Rumsfeld o desmentiu.

Inclusive, essa preocupação atingiu os líderes do Partido Republicano, de Bush, como o presidente do Comitê de Serviços Armados do Sena-

dos.

Tanto Bush como a nova maioria democrata no Congresso americano vão fazer o possível para reverter a situação. Atualmente, o governo Bush está tentando usar a velha política do império inglês: dividir para reinar. Tenta fazer com que as etnias e comunidades religiosas iraquianas briguem entre si. Cada vez mais, a "opção definitiva" do ocupante é estimular uma guerra civil no Iraque. Para isso, voltaram a utilizar a tática dos "esquadrões da morte", aplicada pela CIA na América Central, na década de 1980. Agora os esquadrões se apóiam nas diversas correntes religiosas para alentar o choque entre comunidades.

nuam com os paramilitares iraquianos. Os políticos estão usando suas milícias em ambos os bandos. É muito importante perceber que nunca se menciona a resistência dentro das classificações sectárias [...]. Hoje, [17 de outubro] (...) milícias uniformizadas estão assassinando sunnitas, obrigando as famílias a abandonar suas casas em duas horas, enquanto que as forças americanas se mantêm à margem. Só o hospital de Balad recebeu 80 cadáveres. As cidades iraquianas ao norte de Bagdá estão há meses cercadas, enquanto que homens uniformizados em veículos das forças de segurança atacam, assassinam e seqüestram os cidadãos. Temos que admitir que os

A FARSA DO JULGAMENTO DE SADDAM HUSSEIN

Na primeira semana de novembro, o tribunal que julga Saddam Hussein o condenou à forca pela matança de 148 habitantes xiítas de Dujail, ao norte de Bagdá, em 1982.

Saddam foi um ditador que reprimiu de modo sangrento o povo iraquiano, especialmente os xiítas e curdos. No entanto, esse julgamento é uma farsa completa, típica de uma “justiça colonial”.

Em primeiro lugar, porque seu verdadeiro objetivo não é

“fazer justiça” a favor do povo iraquiano, mas cobrir com o manto da “legalidade jurídica” a invasão e ocupação do país por parte de tropas imperialistas, cuja desculpa principal foi justamente “liberar” o Iraque da “tiranía de Saddam Hussein”.

Em segundo lugar, porque o tribunal que o julgou é parte de um governo títere, agente de uma ocupação colonial que já causou 655.000 mortos e utiliza

de modo indiscriminado o método da tortura e matança de civis. Os crimes cometidos pela ocupação são muito maiores que os de Saddam, mas eles não são condenados

nem julgados. Pelo contrário, são alentados pelo governo americano e seus títeres no Iraque. Recordemos que o governo Bush acaba de aprovar uma lei liberando a tortura contra prisioneiros considerados “combatentes inimigos”.

Em terceiro lugar, com total hipocrisia, Saddam é condenado por um crime que foi cometido em momentos em que ele era aliado do imperialismo americano e travava uma guerra contra o Irã para debilitar a revolução nesse país.

Nesses anos, o imperialismo calou a boca aos crimes de Saddam, como sempre faz em relação aos ditadores que lhe são úteis. Recordemos o que disse Franklin D. Roosevelt, então presidente dos EUA, sobre as atrocidades cometidas por Anastasio Somoza, na Nicarágua: “*ele pode ser um filho da puta, mas é nosso filho da puta*”. Depois da invasão do



Saddam durante o julgamento



Saddam e Rumsfeld cumprimentam-seno Iraque

Kuwait, em 1990, Saddam deixou de ser um “aliado” e passou a ser um “inimigo”. Por isso, os crimes antes aceitos agora são “condenados”.

Não temos dúvida de que Saddam merece ser julgado e condenado por suas atrocidades. Mas nem o imperialismo criminoso nem seu governo títere no Iraque têm direito po-

lítico nem moral para isso. Só o povo iraquiano tem esse direito. Mas só poderá ser exercido de modo efetivo se os ocupantes imperialistas e seus títeres iraquianos forem derrotados e expulsos do país. Por isso, denunciemos esse julgamento como uma verdadeira farsa e repudiemos a condenação final desse processo.

SAIBA MAIS

A REVOLUÇÃO IRANIANA

Em 1979, uma grande revolução operária e popular derrubou o Xá Pahlevi, do Irã, um dos grandes aliados do imperialismo na região. Em setembro de 1980, utilizando

como desculpa divergência de limites, Saddam, com a benção dos EUA, iniciou a guerra e invadiu o Irã. Em 1982 as tropas iraquianas já haviam sido expulsas da maior

parte do território invadido, mas a guerra continuou até 1988, com um alto custo em número de vidas e uma enorme crise econômica em ambos os países.

O VERDADEIRO GENOCÍDIO

A desculpa de Bush para invadir o Iraque foi de que iria “liberar” o país da “tiranía de Saddam Hussein” e instalar uma “verdadeira democracia”. Hoje, nem sequer aqueles que apoiaram a ocupação acreditam nessas palavras. Hans Blix, ex chefe dos inspetores da ONU encarregados de verificar as supostas “armas de destruição em massa” de Saddam, declarou recentemente: “*A tiranía de Saddam era má, mas a situação atual é pior*”.

As terríveis consequências da ocupação imperialista para o povo iraquiano acabam de ser avalladas por um estudo científico da Universidade John Hopkins, dos EUA. Esse estudo revela que nos últimos três anos morreram 655 mil iraquianos devido as ações

militares, bombardeios contra populações civis, a atividade dos esquadrões da morte ou por falta de alimentos e cuidados médicos, fruto da guerra.

Isso mostra que o imperialismo cometeu e continua cometendo um verdadeiro genocídio no Iraque. Essas cifras mostram até que ponto chegou a crueldade

de e desprezo do imperialismo pelas pessoas, no seu afã de controlar o mundo. Ao mesmo tempo, essa realidade da ocupação é a que alimenta o ódio dos iraquianos pelo invasor e que confere uma base massiva para a luta de resistência.

